

RODRIGO DE ARAÚJO

CAPÃO PECADO: DA MARGEM AO LITERÁRIO

RODRIGO DE ARAÚJO

CAPÃO PECADO: DA MARGEM AO LITERÁRIO

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a Susylene Dias de Araújo

JARDIM – MS
2013

Araújo, Rodrigo de.
Capão Pecado: Da Margem Ao Literário/Rodrigo de
Araújo Jardim: UEMS, 2013. 35 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação
Português-Espanhol – Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul.

1. Capão Pecado 2. Da Margem 3. Ao Literário

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me formou e me deu capacidade de raciocínio; sem Ele eu não teria chegado até aqui.

Agradeço a minha orientadora Prof.Dr^aSusylene Dias de Araujo, por suas atitudes motivadoras na orientação deste trabalho.

Agradeço aos demais professores, pelos ensinamentos que levarei comigo para o resto da minha vida.

Agradeço aos meus colegas de classe: Maria Artema, Vânia, Karila, Ailton e João Ivo pela força nos anos do curso e por último a minha esposa Stella da Silva Gomes Araújo, uma Jóia que Deus presenteou-me.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar na literatura brasileira contemporânea o surgimento de uma nova perspectiva literária, a literatura marginal. Dentro deste contexto trabalho discorre sobre os aspectos que serão relevantes para o entendimento dessa nova vertente literária, tais como seus representantes, o contexto histórico, a representação da violência como temática principal, além de trazer breves considerações sobre um dos pontos mais controversos no meio literário marcado pelo tempo da contemporaneidade. A metodologia utilizada para este trabalho foi desenvolvida através da leitura de obras de autores com o foco na literatura marginal, pesquisa em sites que trabalham nessa mesma linha de pesquisa e outros textos acadêmicos que enfocam essa questão. Foram utilizados os seguintes autores como referencial teórico: Schollhammer(2009), Agamben (2010) e Varela(2002).

Palavras-chave: Literatura marginal; Violência; Contemporâneo.

ABSTRACT

The present work aims to present in contemporary Brazilian literature the emergence of a new literary perspective, the marginal literature. Within this context, the work discusses the aspects that are relevant to the understanding of this new strand of literature, such as his representatives, the historical context, the representation of violence as the main theme, and bring briefly consider one of the most controversial points in the middle literary marked by the contemporary time. The methodology used for this study was developed through reading the works of authors with the focus on marginal literature, research sites working in the same line of research and other scholarly texts that focus on this issue. We used the following authors as theoretical: Schollhammer (2009), Agamben (2010) and Varela (2002).

Keywords: Literature marginal; Violence; Contemporary.

SUMÁRIO

	PÁGINA
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1	3
1.0. Notas da Literatura Brasileira Contemporânea	3
1.1. Por um conceito para o contemporâneo	5
1.2. A Literatura Marginal	7
CAPÍTULO 2	9
2.0. Breve relato sobre a vida e a obra de Reginaldo Ferreira da Silva, o <i>Ferréz</i>	9
2.1. O Surgimento de uma nova perspectiva literária	10
2.2. Um olhar para a violência e o surgimento de novas obras na Literatura Marginal	11
CAPÍTULO 3	17
3.0. Uma análise da Violência em Capão Pecado	17
3.1. A Violência em definição	18
3.2. O narrador em Capão Pecado	20
3.3. O espaço e os personagens em Capão Pecado	22
4.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende é abordar o surgimento de uma nova perspectiva dentro da literatura brasileira contemporânea: a literatura marginal. Esse tipo de literatura surge com grande força é oriunda das favelas e contém, em seus diversos aspectos, um tipo escrita diferente, reveladora de um lado da sociedade que não estamos acostumados a presenciar.

Comumente estamos acostumados com a literatura clássica, que traz em sua narrativa a linguagem mais rebuscada e se vale da norma culta. O que pretendemos aqui é conhecer um pouco mais sobre a literatura marginal, expressão literária de marginais, ex- presidiários, assassinos, estupradores e outros tipos de delinquentes, tanto que grande parte das obras marginais é inspirada na vida de muitos desses e algumas até mesmo retratam a vida social no interior das penitenciárias.

O trabalho está dividido em três capítulos tendo com tema central a obra *Capão Pecado* de Ferréz. No primeiro capítulo apresentamos um quadro da literatura brasileira contemporânea, reconhecendo como parte deste quadro a produção considerada marginal. O capítulo ainda considera as colocações do filósofo Giorgio Agamben sobre o contemporâneo como possibilidade de entendimento dessa nova perspectiva literária.

No segundo capítulo apresentamos a biografia de Ferréz, seu surgimento no mundo literário, primeiras obras, o contexto histórico no surgimento de uma nova forma de escrita ou uma nova modalidade literária. No capítulo três, trazemos uma análise da obra *Capão Pecado* dando ênfase aos momentos em que a violência se evidencia no texto.

CAPÍTULO 1

1.0. Notas da Literatura Brasileira Contemporânea

Este capítulo tem como finalidade traçar um quadro da literatura brasileira contemporânea, reconhecendo como parte deste quadro a produção considerada como literatura marginal. Neste contexto, faremos ainda uma discussão em torno do conceito de contemporâneo, apoiado pelas discussões propostas por Giorgio Agamben. Segundo Agamben contemporâneo é aquele que mantém seu olhar fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...]. Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo.

Sobre a literatura brasileira contemporânea, para que tenhamos um norte e uma melhor compreensão sobre esse aspecto, será interessante voltar um pouco na Historiografia Literária Brasileira, pois, quando falamos em História, isso não significa que estamos falando de algo que se encontra distante do período em que estamos vivendo, assim, quando falamos em literatura brasileira falamos também em contemporâneo, porque se trata de algo que está muito presente em nossos dias. A literatura é algo vivo composta por períodos marcantes, por os autores consagrados, idéias e pensamentos que estão refletidos nas obras, como bem comenta Heloísa Buarque de Hollanda.

Na segunda metade do Século XX, começa a se desenhar na literatura brasileira uma nova vertente de escrita, ou porque não dizer nasce uma nova perspectiva na nossa literatura, e que por consequência do surgimento dessa nova vertente, as grandes obras nacionais, de Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, por exemplo, começam dividir seu espaço. E isso acontece também com obras conhecidas como as narrativas intimistas e de introspecção psicológica que tinham como seus representantes, Lúcio Cardoso e Clarice Lispector, que nessa época eram os autores que norteavam até então a maior parte das obras, marcando um período de transição na literatura brasileira. (Heloísa Buarque de Hollanda)

Outro ponto muito importante que precisamos registrar é que nesse momento, o Brasil também passa por uma transformação demográfica com o êxodo rural, e em aproximadamente cinquenta anos o país deixou de ser um país rural, para transformar se

em um país com sua maior porcentagem populacional urbana, conseqüentemente esse movimento viria influenciar no desenho do novo estilo na escrita da literatura brasileira.

Os anos de 1950, 1960 e 1970 foram os mais marcantes na literatura brasileira, começando com a década de 1950 que ficou conhecida como um período da criatividade modernista e por outro lado pela modernização na forma de pensar dos escritores. Deste período podemos destacar João Guimarães Rosa. Já na década de 1960 há um início da prosa urbana, que volta para a realidade social das grandes cidades, e por fim, a década de 1970, ficou marcada como o encontro de uma nova opção na escrita, que seria o conto curto. Dessas três décadas marcantes podemos destacar a de 1970, pois foi um período em que se buscou encontrar uma expressão estética e estilística, que pudesse representar os anseios do momento em que o movimento literário estava passando, havia aí uma grande necessidade não só de inovação por parte dos escritores, mas a busca de uma linha de estilo, e de escritores que pudessem assumir também a responsabilidade social que o país tanto necessitava no momento, sobre a importância da década de 1970, Schollhammer comenta:

Os anos 70 se impõem sobre os escritores com a demanda de encontrar uma expressão estética que pudesse responder á situação política e social do regime autoritário. É esta responsabilidade social que se transforma numa procura de inovação da linguagem e de alternativas. O escritor brasileiro ou seguia a corrente latino-americana em direção a uma literatura mágico-realista e alegórica ou retornava aos problemas estilísticos não resolvidos pelo realismo social, como os que haviam sido problematizados nos romances da década de 1930, em particular pelos regionalistas do Nordeste, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge Amado.(SCHOLLHAMMER, 2009, p. 22,23).

Um dos períodos mais marcantes para a Literatura Brasileira foram as últimas décadas do século XX, nas quais passaram a buscar nos cenários urbanos, as inspirações para suas narrações; tais inspirações, que tem influenciado a produção literária até os dias atuais, vêm principalmente das cidades grandes. Muitos escritores assumem o compromisso com o mundo em que estão inseridos, atuando como vozes que soam como defesa da sociedade brasileira, ao relatar em suas produções as mazelas encontradas nas grandes metrópoles. Podemos confirmar esta característica na obra do crítico Karl Erik Schollhammer *Ficção brasileira contemporânea*, conforme o autor comenta:

Para Heloisa Buarque de Hollanda, a principal tendência da literatura das últimas décadas do século XX, podia ser visto no modo como esta se apropriava do cenário urbano e, especialmente, das grandes cidades. As novas metrópoles brasileiras tornavam-se palco para uma série de narradores que decidiam assumir um franco compromisso com a realidade social, tendo, como foco preferencial, as conseqüências inumanas da miséria humana, do crime e da violência. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 22).

Em seus estudos podemos constatar que Heloisa Buarque de Hollanda consegue apresentar esse cenário em que se encontrava a literatura brasileira, desenhando as novas tendências que agora principiariam nossas obras. Heloisa além de trazer a demonstração desse campo literário, ainda nos apresenta a manifestação de como as metrópoles brasileiras se tornariam palco de inspiração á muitos narradores que agora também assumiriam compromisso com a realidade social.

Com esta breve passagem pelo século XX que nos diz respeito aos aspectos constituintes da literatura brasileira: períodos, décadas e contexto faremos algumas considerações com a finalidade de entendimento do conceito de contemporâneo, fundamental para a compreensão deste trabalho. Sobre este assunto existe hoje um grande debate por parte de autores, críticos e até mesmo por nós, meros leitores que não estamos alheios de fazer parte do universo literário.

Sobre o contemporâneo existem algumas interrogações que necessitam de respostas, e aqui essas respostas não serão impostas como detentoras da verdade e sim apresentadas em caráter de contribuição e esclarecimento.

1.1. Por um conceito para o contemporâneo

Em se tratando do contemporâneo ou dessa nova perspectiva na literatura brasileira, que passa a ser discutida como literatura brasileira contemporânea, os aspectos mais discutidos pelos críticos estão na possibilidade de conceituar o termo e assim surgem as seguintes indagações: o que é o contemporâneo? como defini-lo? o que entendemos por contemporâneo? O que é a literatura brasileira contemporânea?

O filósofo Giorgio Agamben traz algumas definições para o contemporâneo no livro que recebe como título a pergunta que não pode calar: O que é o contemporâneo? Em suas reflexões, Agamben afirma que são contemporâneos aqueles que conseguem se guiar mesmo estando em meio à escuridão, ou perceber no presente escuro a luz que procura nos alcançar; contemporâneos são raros e corajosos ou aqueles que conseguem

se localizar em seu tempo, e por fim defende que a contemporaneidade mantém uma relação singular com seu tempo, Agamben (2010, p. 62).

Contemporâneo é aquele que mantém o fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que percebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida por nós, distancia-se infinitamente de nós. (AGAMBEN, 2010, p.62, 64,65)

Nesta mesma linha de pensamento, Karl Erik Schollhammer, na obra *Ficção brasileira contemporânea*, também traz uma definição sobre o contemporâneo, e é interessante percebermos o quanto os dois Agamben e Karl se aproximam em suas reflexões. Em seus textos, há um complemento de informações. O que falta em um o outro complementa. No caso de Karl Erik vemos, o recorte em questão é mais específico, pois a literatura ganha enfoque, e no caso de Agamben a reflexão filosófica prevalece. O importante é que existe uma relação muito estreita, ou porque não dizer, existe um entrelaçamento de informações sem nenhuma resistência dos dois lados e ao final os verdadeiros congratulados nesse vasto campo de estudos somos nós, pois os textos em questão proporcionam ampliação do nosso entendimento. Falar em contemporâneo não é algo tão simples assim, muito mais ainda tentar definir o termo, Karl Erik Schollhammer traz a seguinte definição:

Contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9,10)

E assim confirmamos o quanto os autores se aproximam em suas definições. Uma definição complementa a outra e Karl Erik trata da contemporaneidade a partir da literatura, defendendo a literatura contemporânea como algo mais do que aquilo que estamos vivendo escrito em um papel, ou como representação da atualidade. Karl Erik apresenta a literatura contemporânea como alguém que consegue captar o seu tempo e deste modo enxergá-lo. Assim, entender ou definir o contemporâneo não é algo tão simples, mas por outro lado não é algo que está além do nosso entendimento.

1.2. A Literatura Marginal

Uma das perspectivas literárias mais comentadas na atualidade é conhecida como Literatura Marginal. Um dos nomes que mais se destaca como produtor deste gênero é o de Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido no mundo literário como Ferréz. Com o livro que recebeu o título de *Capão Pecado*, Ferréz tem sido projetado e impulsionado como voz em defesa das comunidades carentes. Para dar voz a esse escritor, e delimitar o campo de atuação da literatura marginal, Heloisa Buarque de Hollanda, publicou em seu site, no dia 11 de Setembro de 2012, a seguinte nota:

“Por marginal, Ferréz entende a busca de um lugar na série literária para aqueles que vêm da margem. E explica melhor: Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou aqueles que derivam de partes da sociedade que não tem espaço. Mas adverte: Quando a gente consegue alguma coisa por meio da arte, não quer dizer que vamos sossegar. Temos é que organizar o nosso ódio direcioná-lo para quem está nos prejudicando. Tudo o que o sistema não dá, temos que tomar”. (Maldito.com)

Como podemos perceber citado por Heloisa Buarque de Hollanda, Ferréz confirma as origens da literatura marginal como uma produção feita por marginais: e quando fala em marginal, Ferréz não se refere somente a pessoas violentas ou que escolheram a vida do crime. Fala também de pessoas que vêm da margem, socialmente abandonadas e apesar das mazelas impostas pela vida, encontraram uma forma de gritar para o outro lado da sociedade, e neste grito, denunciar que do lado oposto ao centro, existem pessoas, seres humanos que precisam ser ouvidos.

A partir das observações até aqui realizadas, no capítulo seguinte, vamos retratar um pouco mais esse universo literário, existente nos submundos, nas comunidades, e tentar compreender como se dá o processo de transformação do meio marginal para o

meio literário e como esse movimento tem se manifestado fortemente nas últimas décadas, tornando se parte do nosso universo literário da literatura brasileira contemporânea.

CAPÍTULO 2

2.0. Breve relato sobre a vida e a obra de Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz

Este capítulo tem como finalidade fazer uma pequena apresentação da vida de Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, um dos escritores mais lembrados atualmente quando o assunto em questão diz respeito a uma das mais intrigantes facetas da literatura brasileira contemporânea: a literatura marginal.

Conforme lemos no site escaldariaproducoes.wordpress.com, os dados biográficos de Ferréz dizem o seguinte: Ferréz nasceu em 29 de dezembro de 1975 em São Paulo, na zona sul, mais precisamente na comunidade do Capão Redondo; filho do motorista Raimundo Ferreira da Silva e de Maria Luíza Cotta, estudou de 1976 a 1987 no primeiro grau do Colégio Euclides da Cunha. De 1987 a 1989 cursou o segundo grau na Escola Estadual Margarida Maria Alves, na própria comunidade. Mais tarde, começou a trabalhar como balconista em bares e padarias e como vendedor ambulante de vassouras; em 1993 passou a trabalhar como auxiliar em uma metalurgia.

De 1995 a 1997 trabalhou como arquivista; Ferréz ainda realizou atividades como chapeiro em uma rede de comida rápida. Sua estréia no mundo da Literatura foi em 1997 com o lançamento o livro de poemas “Fortaleza da Desilusão” patrocinado pela empresa em que trabalhava. Em 1999 fundou o 1 DASUL ligado ao movimento hip-hop; além da ação cultural e política que empreendeu, escreveu letras de *rap* e cantou em grupos locais. Em 2000 passou a colaborar na revista Caros Amigos, com uma coluna mensal e com a página virtual El Foco, escrevendo semanalmente sobre o cotidiano da periferia paulistana. Nesse mesmo ano Ferréz também estrearia na prosa de ficção com o romance *Capão Pecado*, obra essa que o tirou do anonimato devido seu grande sucesso, o título faz referência ao bairro paulistano que tem no dia a dia da periferia seu tema principal.

Em 2003 Ferréz lança o seu segundo romance intitulado *Manual Prático do Ódio*, livro em que aperfeiçoa suas habilidades narrativas. Logo após cria, organiza e edita uma revista, que daria origem a uma nova modalidade de escrita a literatura marginal, batizada pelo autor de *Talentos da Escrita Periférica*, lançada em 2005.

No mesmo ano o escritor publicou o romance infanto-juvenil *Amanhecer Esmeralda*, e em 2006 o livro de contos *Ninguém É Inocente em São Paulo*, com seis

contos que mais tarde seriam todos transformados em curta metragem e animação. De 2001 a 2010, atuou como cronista na revista *Caros Amigos* e publicou, em 2009, *Cronista de um Tempo Ruim*.

Capão Pecado foi publicado originalmente em 2000 e teve como inspiração o Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo. Nessa obra, o autor se vale da ficção para narrar um pouco da realidade na qual está inserido, pois até hoje, Ferréz é morador do bairro do Capão Redondo. Assim, relatando histórias vivenciadas pelos moradores de sua comunidade, cenas de chacinas, tráfico, relatos de gravidez precoce e tantos outros problemas aparecem nas páginas do livro, embora tais relatos não sejam assim nenhuma novidade para os moradores do Capão Redondo.

2.1. O Surgimento de uma nova perspectiva literária

Para que possamos entender um pouco mais do surgimento da literatura marginal, ou até mesmo como essa nova perspectiva na literatura brasileira chegou até nós, é preciso que voltemos alguns anos atrás na história do nosso país, num período em que o Brasil enfrentava uma crise na área da segurança, crise essa que se concentrava significativamente nas grandes capitais. Curioso é saber que essa nova perspectiva na literatura brasileira surge no ápice do período de criminalidade aqui descrito. Por volta do ano de 1987 houve um significativo aumento da violência em nosso país, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Vitória, cidades que foram marcadas por arrastões nas praias, brigas de gangues, assaltos e outros tipos de crimes.

Passado esse momento, alguns anos depois, surgiria uma nova modalidade de crimes, quando os noticiários trouxeram à cena principal o envolvimento de policiais em chacinas: quem não se lembra do massacre da Candelária em que foram mortas oito das cinquenta inocentes crianças que dormiam nas escadarias de uma Igreja no Centro Histórico do Rio de Janeiro, ou do massacre de Vigário Geral onde morreram 21 jovens inocentes. O que mais nos impressiona em todos esses acontecidos é a brutalidade, e em quase todos os casos, crianças e jovens foram as maiores vítimas.

Diante de todo esse contexto violento, como captação dos momentos trágicos que se apresentaram à sociedade brasileira, nasceu uma nova perspectiva na literatura brasileira contemporânea, datada dos anos de 1980, 1990 e da primeira década do Século XXI: a literatura marginal.

2.2. Um olhar para a violência e o surgimento de novas obras na Literatura Marginal

Heloísa Buarque de Hollanda comenta em um de seus artigos publicados no site www.heloisabuarquedehollanda.com.br que 1993 foi o ano em que a violência atingiu seu ponto mais alto dos últimos tempos. Desde então, a população mais carente se mobiliza para protestar por seus direitos e passamos a perceber que violência não vem somente das comunidades carentes; o assunto começa a despertar o interesse de vários escritores da classe média. Coube então a Ferréz batizar a literatura que surgia em torno deste tema como Literatura Marginal, um tipo de literatura cujo foco central servia como testemunho de situações vivenciadas por muitos brasileiros. Através desta nova modalidade literária começaria também a luta por espaço e reconhecimento.

Assim, duas obras assinadas por autores oriundos de classe média, e não menos interessados pelo tema da violência segundo comenta Heloísa Buarque de Hollanda em um de seus artigos publicados no site www.heloisabuarquedehollanda.com.br, inauguram com grande força essa nova modalidade de literatura e em 1994, Zuenir Ventura publica o livro *Cidade Partida*, relato de forma original das ações do pós-massacre de Vigário Geral. Com proposta bem parecida, *Estação Carandiru* do médico Dráuzio Varella relata a rotina dos detentos daquele que fora o maior estabelecimento penal da América Latina. *Cidade Partida* tem como cenário a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro mais precisamente a favela de Vigário Geral. Segundo o livro, o Rio desta época apresentava poucos motivos para que fosse chamada de Cidade Maravilhosa, pois se tornara um campo onde era travada uma verdadeira guerra da sociedade contra o crime. Zuenir Ventura frequentou a favela durante dez meses convivendo em seu dia a dia com situações do crime e constatou que nesta época, para os moradores dessa favela a vida não valia nada. Zuenir Ventura foi correspondente de uma guerra de acontecimento surpreendentes, onde não se buscava conhecer vencedores e derrotados, heróis e bandidos como em uma suposta destruição do inimigo, mas sim resgatar a massa de excluídos pertencentes à sociedade carioca, conforme lemos:

Vigário Geral vivia seu primeiro sábado alegre depois da chacina. Muitas coisas iriam me impressionar naquela primeira visita, além da presença ostensiva dos traficantes e suas armas medonhas, uma rotina com a qual eu teria que me acostumar nos dez meses seguintes, passados o susto inicial. A meia hora da zona sul, a trinta quilômetros do centro do Rio, eu estava entrando em outro

mundo. A chegada a essa favela plana exige um esforço inesperado: é preciso antes subir e descer 45 degraus. Uma passarela apanha o visitante do lado do asfalto e o conduz a nove metros de altura, sobre a via férrea, depositando – o do outro lado, num larguinho que funciona como hall de entrada. Dois muros altos que cortam o bairro ao meio, isolando a linha do trem, servem também para dar a impressão de que a população vive confinada. Há uma maneira de se chegar á favela de carro, atravessando Parada de Lucas, mas nesse dia ainda era um caminho com algum risco para estranhos.

O primeiro conhecido a aparecer foi Caio Ferraz, líder do Mocovige, Movimento Comunitário de Vigário Geral. Vinha sujo de tinta, sem camisa e com os ombros queimados de sol. Passara a dia com as crianças preparando a festa da noite, o Vigário In Concert Geral, uma manifestação que pretendia levantar o astral da comunidade ainda traumatizada. Agora, ele tinha que ir tomar banho, vestir um terno e botar uma gravata para ser padrinho de casamento. Seu irmão, Rodrigo, fora me apanhar no jornal para aquela primeira visita. Encontramos – nos os três na rua principal, a Antônio Mendes. À direita, no nº 12, está o bar, fechado, onde foram assassinados sete operários. Em frente, no nº 13, a casa de muro alto onde moravam os oito evangélicos exterminados pelos invasores. Antes de partir, Caio fez questão de nos mostrar o painel que seu grupo pintara no muro alto que fica no “Vietnã”, o paralelo que separa dois territórios até há pouco inimigos. É a rua que leva à Parada de Lucas. As duas favelas parecem uma só, mas há dez anos estavam em guerras e só agora, depois da chacina, viviam uma trégua. O resultado das batalhas está naquele muro. São dezenas de furos de balas alguns, do tamanho de uma bola de gude; outros com a circunferência de uma bola de pingue – pongue. Caio e seu grupo resolveram transformar o muro em símbolo, fazendo de cada um dos buracos uma flor colorida desenhada a lápis, saindo toda de uma pistola empunhada pelo beatle Ringo Starr. A obra é um mural *naif* tendo como epígrafe uma frase de Bob Dylan: “Quantas mortes ainda serão necessárias para que se saiba que já se matou demais?” (VENTURA, 1994, p.55,56)

Estação Carandiru do médico Dráuzio Varella escrito no ano de 1999, teve como força propulsora de incentivo o histórico massacre ocorrido no, até então, maior presídio da América Latina, o Carandiru. Tudo aconteceu em 02 de outubro de 1992 e na ocasião foram mortos em uma ação policial 111 presos, números oficiais, mas contestado por sobreviventes do massacre; nesse período surgiram muitas manifestações da população contra essa barbárie, pois vidas que estavam sobre a proteção do estado foram dizimadas no interior do presídio, enquanto a imprensa acompanhava tudo do lado de fora. O maior desejo de Dráuzio Varela nesta obra é mostrar nas páginas do livro o funcionamento do sistema prisional detalhando como os detentos se organizam, a sua rotina diária, o submundo existente dentro de um presídio, tornando conhecido o código penal rígido criado pela própria população carcerária sintetizado pelo respeito, que é

imposto a todos, o silêncio na hora de dormir, a limpeza do ambiente, o respeito para com o outro detento, dentre tantas outras situações que formam contrastes que não combinam com a situação em que os detentos enfrentam.

A Masmorra fica em frente à gaiola de entrada do pavilhão. É guardada por uma porta maciça, ao lado da qual uma placa avisa que é terminantemente proibida a entrada de qualquer pessoa não autorizada. São oito celas de um lado da galeria escura e seis do outro, úmidas e superlotadas. O número de habitantes do setor não é inferior a cinquenta, quatro ou cinco por xadrez, sem sol, trancados o tempo todo para escapar do grito de guerra do Crime: ___ Vai morrer! Ambiente lúgubre, infestado de sarna, muquirana e barata que sobem pelo esgoto. Durante a noite, ratos cinzentos passeiam pela galeria deserta. A janela do xadrez é vedada por uma chapa de ferro fenestrada, que impede a entrada de luz. Por falta de ventilação, o cheiro de gente aglomerada é forte e a fumaça de cigarro espalha uma bruma fantasmagórica no interior da cela. Tomar banho exige contorcionismo circense embaixo do cano na parede ou na torneira da pia, com uma caneca. A Masmorra é habitada pelos que perderam a possibilidade de conviver com os companheiros. Não lhes resta outro lugar na cadeia; nem nas alas de Seguro, como o Amarelo do Cinco, por exemplo. Mofam até que a burocracia do Sistema decida transferi-los para outro presídio. (VARELLA, 1999, p. 24).

Vejam o que disse um dos ex - detentos do Pavilhão Nove e sobrevivente do massacre do presídio Carandiru, Sidney Sales de 45 anos em uma entrevista concedida ao G1, (em 15/04/2013) ao Portal de Notícias da Rede Globo.

"Só entendi a proporção do que estava acontecendo quando olhei pela janela e vi vários corpos no chão, além de muito sangue", relembra. Diante da cena, ele conta que se lembrou de um trecho do Salmo 91, que estava em uma carta entregue a ele por uma senhora. "Entrei em uma cela com dez pessoas, cada uma clamando pelo seu Deus. Eu não fiz diferente. Lembrei da carta que aquela mulher me deu e comecei a lembrar das palavras do versículo: 'Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido'. Foi quando um policial perguntou se havia alguém naquela cela. Na segunda pergunta, eu respondi que sim." O pastor diz que os policiais ordenaram que todos tirassem as roupas, descessem até o térreo e sentassem, com a cabeça entre as pernas, de maneira que não vissem nada. "Era para não haver reconhecimento depois", acredita. "Horas depois, eu fui um dos escalados para ajudar a carregar os corpos para caminhões do IML". Após carregar 35 cadáveres, Sales tentou voltar para a sua cela. No caminho, um policial pediu para que ele retirasse um último corpo, que estava no terceiro andar. "Vi que era um dos companheiros que

estavam me ajudando a carregar os mortos. Foi aí que tive certeza que eu seria o próximo”, conta. Sales desobedeceu à ordem e foi até o quinto andar, onde encontrou três policiais. “Falei para eles que um tenente tinha mandado me trancar porque o carregamento dos cadáveres havia terminado. Foi quando eles disseram que um milagre iria acontecer na minha vida.” O milagre ao quais os policiais se referiam era a sorte com a qual Sales teria que contar para sobreviver. “Eles falaram que se a chave que eles escolhessem abrisse o cadeado, eu entraria. Do contrário, eu seria morto”, lembra. Pela segunda vez, segundo Sales, ele recitou o versículo do Salmo 91. “O cadeado abriu e eu entrei naquela cela”, conta emocionado. “As marcas que o massacre deixou em mim me impediram de conseguir emprego e de ser aceito na sociedade. Como a sociedade não me quis, eu também não quis a sociedade”, justifica Sales, que diz ter entrado para o tráfico de drogas para manter seu vício e por não ter aguentado à tortura psicológica. Em 1994, durante um confronto com a polícia, ele foi atingido por um tiro que o deixou paraplégico e voltou à prisão. Mais uma vez, ouvi de um agente penitenciário que um milagre aconteceu na minha vida, quando meu alvará de soltura chegou. Já em casa, recebi uma ligação das missionárias que pregavam na cadeia. Elas me convidaram para vir para uma clínica de reabilitação em Jundiaí. Foi aí que tudo começou a mudar. “Não são boas lembranças para mim. Isso me faz muito mal”, lamenta. “Eu consegui dar a volta por cima, e a revolta causou algo positivo em mim. Mas, infelizmente, em outros casos não foi assim. Conheço familiares de mortos no massacre que acabaram envolvidos com drogas e bebidas alcoólicas”, afirma.

(<http://g1.globo.com/sao-paulo>; Acessado: 15/04/2013 - 09h 48m)

A partir de testemunhos como esse, a literatura marginal se ergueu e no caso de *Capão Pecado* tais fez surgir uma nova modalidade literária. A respeito da escrita de Ferréz, Luciana Araújo Marques em sua Dissertação Apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo comenta:

Ferréz trouxe para o campo das Letras uma dicção nova que não só marcaria o estilo do autor numa linguagem coloquial e cravada de gírias, mas também impunha-se como conquista de um espaço na cena cultural, civil e política, que levou esse jovem escritor a cunhar uma nova apreensão do rótulo de Literatura Marginal. Dessa forma Ferréz e outros escritores conquistam espaço e oportunidade de expressão dentro do cenário da Literatura. (ARAÚJO MARQUES, 2010, p.11)

E quando a pesquisadora fala de conquista de espaço, isto significa dar voz e vez às comunidades carentes, que muitas vezes são vistas como alocações de marginais, vagabundos ou bandos de desocupados, que não representam nada de positivo para a sociedade.

Certamente esta é a grande contribuição da literatura marginal testemunhal. Mostrar a realidade como ela realmente é, sem maquiagem os fatos. Muito mais do que um mero comércio de reportagens jornalísticas, onde o que se busca é apenas o grande e crescente mercado de informações e de sensacionalismo, o trunfo do sucesso da literatura marginal deve ser atribuído à identificação do público com um tipo de obra, escrita, testemunhada e ao mesmo tempo vivenciada. Esse tipo de literatura transporta o leitor a um nível imediato de identificação com o personagem e o coloca em contato com a realidade.

Existe ainda um grande embate por parte dos escritores e críticos que defendem a literatura convencional, pois muitos deles afirmam que, em se tratando de literariedade essas novas obras não têm apresentado nenhuma inovação literária e são desprovidas de inspiração e de modelos canônicos; Em defesa, Karl Erik Schollhammer reconhece que:

(...) não há mais espaço para mais uma nova Clarice Lispector ou um novo Guimarães Rosa. Essa cobrança por um novo cânone, que normalmente parte dos próprios críticos, é por eles condenada. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 99).

Sabemos que sempre existe a desconfiança quando se trata de algo novo e isso tem marcado a literatura marginal, isso se explica em grande parte por certo zelo e respeito que se mistura com certa veneração e amor pelos grandes cânones da literatura clássica, quando falamos da crítica.

Ferréz e os demais representantes da literatura marginal não pretendem ocupar o espaço das “altas literaturas”, e o que deve ficar bem claro é que estamos tratando de uma nova modalidade de literatura, que procura mostrar não só os aspectos inumanos dessas comunidades carentes marginalizadas, mas que é escrita com o dever de mostrar a verdadeira realidade social em que se encontram muitos brasileiros. Dentro do contexto marginalizado e inumano desta vertente literária existe toda uma literariedade que é apresentada através de várias formas de expressão sintetizadas em gírias, músicas, vestes e atitudes que revelam o *gheto*, a “quebrada” onde vivem. Estes traços expressivos revelam também aspectos de uma cultura particular que se apresenta diante dos novos escritores.

Se pensarmos que há alguns anos atrás ouvíamos as autoridades e até mesmo os intelectuais dizendo, que era preciso levar arte e cultura para dentro das favelas, hoje o que vemos é exatamente o movimento contrário que acontece de dentro para fora e nesse sentido, a favela tem ensinado aos de fora o que é cultura e o que é arte, à sua maneira. Não resta dúvida que essa tenha sido a novidade mais importante da cultura brasileira na última década, o aparecimento da voz da periferia falando fortemente em todos os lugares do país. As comunidades da periferia se cansaram de esperar a oportunidade que nunca chegava, e na maioria das vezes viria de fora. Agora o que estamos presenciando é um movimento inverso, a periferia não precisa mais de intermediários e de pessoas que sempre falavam em seu nome para estabelecer uma ligação direta com o resto do Brasil e até mesmo com o resto do mundo.

Karl Erik Schollhammer destaca que, apesar das críticas, a literatura marginal tem sido o caminho para que essa cultura da periferia seja divulgada e sobre o assunto comenta:

Algo importante a se destacar apesar das críticas, é que a literatura marginal tem sido o caminho para que a chamada cultura da periferia seja divulgada, e também seja capaz de conquistar esse tão disputado mercado literário, e o mercado das mídias, mesmo que seja com certo teor de exploração, entretanto, é por esse caminho que a chamada cultura da periferia começou a se impor sobre a literatura, apelando ao lado fortemente mercadológico e, simultaneamente, ao esforço genuíno de encontrar uma nova adequação entre a realidade social brasileira e novas linguagens expressivas. Ao mesmo tempo, podemos registrar uma exploração aberta por parte da mídia, das vozes da periferia, por exemplo, no sucesso do programa *Central da periferia*, sob regência de Regina Casé, com um impacto de popularidade que leva intelectuais sérios a reconhecê-lo como representação efetiva da realidade periférica. (SCHOLLHAMMER, 2009, pag.99)

Nesse sentido podemos ainda afirmar que a literatura marginal tem sido um instrumento de transformação tanto no campo das políticas educacionais, como no campo cultural, fazendo que a literatura passe a refletir a respeito de sua função social, principalmente nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

CAPÍTULO 3

3.0. Uma análise da Violência em *Capão Pecado*

Neste capítulo faremos uma análise da Obra *Capão Pecado*, primeiro romance ficcional escrito por Ferréz, trazendo como destaque os trechos nos quais a violência se evidencia. *Capão Pecado* foi escrito em 2000, dentre as demais obras escritas por Ferréz, essa foi a que mais ganhou repercussão e praticamente o tirou do anonimato. O bairro Capão Redondo é o cenário onde Ferréz buscou inspiração para sua obra, bem como nas letras dos hip hop, pois o mesmo possui uma grande interação com o universo da música, tendo os cantores do hip hop como seus parceiros.

O livro é dividido em cinco partes: A número 1 sem troféu, A revolução dos bandidos beneficentes, Se eu quero eu posso eu sou, Talvez seja melhor seguir a honestidade e Ponto de vista sobre o campo de batalha.

O livro é contextualizado na violência desde sua capa com imagens da favela, o envolvimento de crianças no mundo do crime, como o menino estampado empunhando uma arma. Em sua segunda edição pela editora Labortexto, o livro está distribuído em vinte e três capítulos, trazendo também em sua nota de capa declarações de protesto, algo como um grito pela liberdade em favor daqueles que sofrem oprimidos.

Dizem que uma rainha vinda da África como escrava se organizou com mais alguns e fugiram mata adentro, vestidos de resistência. Brasil colônia dos brancos. Lugar habitado por índios que preferem a morte á escravidão. O país cresce com a escravidão, a elite, o comercio, a religião, o massacre, as leis de reis sem virtudes, a bomba está prestes a explodir. Já nascemos guerreando, somos excluídos, mas lhes digo: esse Brasil fomos nós que construímos. Temos que dar continuidade ás lutas dos nossos antepassados; manter as tradições, origens, costumes. Um líder não se escolhe, ele já nasce predestinado, e, como líder, tem sua missão. Ferréz é mais 1 DA SUL, e sua missão é retratar a periferia através da sua poesia realista. (Gaspar)

Outras imagens também são encontradas ao longo do livro, retratando o ambiente da favela, as péssimas condições vividas com esgoto a céu aberto, jovens no mundo do tráfico, os meios de diversão encontrada tanto pelas crianças quanto pelos jovens, os campos de futebol de terra batida, carros velhos abandonados, etc. Ferréz se apropria dessas imagens e assim consegue ir além da descrição recriando o ambiente de forma realista e retratar as péssimas condições de vida dos mais de 289.000 moradores do bairro do Capão Redondo.

3.1.A Violência em definição

Na interpretação de *Capão Pecado* será importante apresentarmos alguns questionamentos sobre o tema proposto: a violência. O que representa a violência como tema da literatura brasileira? Como ocorre sua configuração ao longo anos? Tais questionamentos nos importam, pois *Capão Pecado* se apresenta com um discurso pautado pela violência, seja ela direta ou indireta, em quase que toda a narrativa.

Segundo Hannah Arendt em sua obra *Da Violência* (1969/1970 p.4) a própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo e sua mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los.

Com base na afirmação de Hannah Arendt, entendemos como se configura essa violência em *Capão Pecado*. Tudo se manifesta através de dois aspectos “meio/objetivo”, o meio aqui será sempre a violência, e o objetivo é o resultado que deve ser alcançado a qualquer preço. Os personagens, em sua maioria, não se importam com as consequências, pois alcançar seus objetivos é o mais importante, independentemente do grau de violência.

Hannah Arendt comenta também sobre o desejo em estar do outro lado, isso é algo que está presente também nos personagens de *Capão Pecado*, mesmo aqueles que se encontram em meio à violência sonham em praticá-la. Isso se manifesta através da revolta causada pela desigualdade social que enfrentam os moradores de Capão Redondo.

Quem jamais duvidaria que as vítimas da violência sonham com a violência, que os oprimidos “sonham diariamente pelo menos uma vez em colocarem-se” na pele do opressor, que os pobres sonham com as posses dos ricos, os perseguidos com uma troca “do papel de caça para aquele do caçador” e os últimos do reino onde “os últimos serão os primeiros, e os primeiros, os últimos”?.(Hannah Arendt 1969/1970, p.15), assim também podemos confirmar em *Capão Pecado*.

Não me deixo levar, a Rede Globo até tenta, mas não vai me enganar. Não to a fim de ver a merda da Sandy e o bosta do Junior o dia inteiro na TV cantando suas musicas e ganhando dinheiro com a miséria do meu povo. Me fazer de cego, não to a fim, de aturar esta porcaria que domina a mídia fonográfica, televisiva e escrita. Mas e aí truta no controle remoto se faz uma nação. Meu povo tem que acordar, para desonhar. Preferem viver em um mundo que não é deles, assistindo

TV, se deixando manipular que nem piolho, indo pela cabeça da elite. Seguindo o que falaram que é certo, julgando e condenando o que falaram que é errado. Não tem opinião própria, o barato é a guerra e as armas estão apontadas para o lugar errado. Mas os guerreiros já estão sacando e cada vez mais se organizando, se informando e montando sua estratégia de guerrilha. Aderindo a “vida loka” e buscando a justiça no mundão.

(FERRÉZ, 2000, p.41)

Outro ponto importante é a questão da violência como forma de domínio, na busca por poder e isso também se dá em *Capão Pecado*. Ferréz descreve essa dominação na busca por poder dentro das favelas; a violência que está presente no dia a dia dos moradores revela que alguns são apenas vítimas, outros apenas estão colhendo as consequências de seus atos. Esse ambiente de poder e domínio são descortinados na medida em que vamos percorrendo as páginas do texto.

Moacir Dalla Palma (2008), em sua tese de doutorado “A violência: Aspectos historiográficos e teóricos”, refletindo sobre o tema violência, domínio e poder na literatura, comenta:

Como visto, as obras tidas como as mais antigas da história da humanidade, o texto bíblico e a epopéia de Homero, ao lado dos mitos e lendas da Grécia Antiga, trazem em si a violência que assola a humanidade desde sua origem. Estes fatos demonstram que a natureza humana está fundada, não apenas pelo aspecto racional que tomou conta do ser a partir de um determinado momento, mas principalmente pelo aspecto instintivo, impulsivo, que leva o homem, em determinadas situações, a realizar atos de extrema violência e, por que não dizer, crueldade, contra o outro, seu semelhante. Não se está afirmando aqui que a violência seria fruto apenas de momentos em que o homem perde o controle de suas próprias emoções. Pois, quando o homem se torna um ser racional, passando a controlar suas emoções, suas vontades mais primitivas, não percebe que a qualquer momento isto pode vir à tona, explodindo com uma violência incontrolada. Mas, ao mesmo tempo, por ter se tornado racional, o homem passou a racionalizar até mesmo a violência.

(DALLA PALMA, 2008, p.8)

Como podemos perceber, ao longo da tese citada, a representação da violência se constitui através de questões de dominação, pela conquista por território, pela tentativa de suprimir as forças do inimigo ao ponto de torná-lo seu escravo, entre outras manifestações que partem dos primórdios da humanidade e chegam até nós.

3.2.O narrador em Capão Pecado

Em sua obra *A Personagem de Ficção* Antônio Candido comenta que há muitos tipos de narradores no romance e dentre estes, o autor enumera os seguintes: o narrador impessoal, pretensamente objetivo, o narrador testemunha ou narrador – personagem e narradores que se apagam diante da suposta realidade. Candido ainda conclui que um bom narrador traz para cena da obra elementos que até mesmo o autor desconhecia, ou não conseguiria enxergar.

Com base nas definições de Antonio Candido entendemos que o narrador constitui peça fundamental, tanto no desenvolvimento quanto na interpretação da obra, e é esse narrador que vai nos transportar através de sua imaginação, em direção à narrativa. Dessa forma o leitor se posiciona como um convidado, indiretamente pela obra, na medida em que os acontecimentos vão sendo narrados.

Capão Pecado é narrado em primeira pessoa. Na obra temos um autor narrador, que em certos momentos parece dividir-se em dois, e muitas vezes é até confundido por estar fortemente presente dentro dos relatos da obra, já em outros momentos temos a sensação que o narrador é mais um personagem dentro da narrativa. Podemos confirmar isso no trecho do primeiro capítulo a partir dos relatos das primeiras experiências de Rael um dos personagens centrais da obra, em dados momentos confundimos Rael com o narrador e até mesmo com o próprio Ferréz.

Era muito pequeno. Como antes, não entendia o nome do lugar; Capão Redondo era um nome muito estranho, e o que tinham lhe explicado era que o nome era tirado de um artefato indígena, pois os índios faziam um cestão de palha que tinha o nome de capão [...] Seu aspecto sempre agradava as mães dos colegas: gordinho, cabelo tudo encaracolado, e um óculos grande e preto que ele já usava há muito tempo. Tudo lhe conferiam a aparência de um cdf.
(FERRÉZ, 2000, p.26)

Ainda sobre a narrativa, Domício Proença Filho (1995) comenta sobre o modo de condução da narrativa, que se manifesta tanto pelo narrador, ou por um personagem participante. Segundo Domício Proença Filho nos moldes consagrados pela tradição, a narrativa pode ser conduzida por um narrador não participante ou por um personagem que convive com os outros na história. (*Linguagem Literária* 1995, pg.46).

Nessa perspectiva do narrador não participante, Ferréz já não se encaixaria, pois o mesmo encontra-se muito ligado, não somente aos personagens de Capão Pecado,

como também a todo o ambiente delineado pela obra, em todos os aspectos. É exatamente por isso que o leitor vai muitas vezes, vai confundir esse autor narrador com um personagem da obra.

Na segunda opção dos moldes tradicionais de narrador, como aquele que convive com os demais personagens da trama, em *Capão Pecado* destaca-se o garoto Rael, o narrador personagem. A interação de Rael com os demais personagens fica bem clara, logo no início do capítulo dois.

Pegou alguns cds que continham seus jogos preferidos e foi rumando para a Travessa Santiago. Cumprimentou os dois amigos que estavam encostados no poste: Panetone e Amaral, que eram irmãos, mas nada parecidos. Rael passou, eles pediram que ele desse um tempo ali, mas ele explicou que ia ver se o Matcheros ou se o Cebola estavam acordados e se retirou; andou mais um pouco e adentrou a casa de Matcheros. Seu Lucas estava no sofá, como com um cigarro na mão e a caneca de café na outra. (FERRÉZ, 2000, p. 31)

Ainda sobre essa divisão do autor narrador Carolina Correia dos Santos comenta em sua Dissertação de Mestrado apresentada em 2008 na Universidade de São Paulo, intitulada “Capão Pecado e a construção do sujeito marginal”:

Este é o principal narrador de *Capão Pecado*, mas ele não é único. Nossa atenção se dirige a esta primeira constatação: estamos diante de mais de um narrador. Como se executasse uma manobra traiçoeira, que, no fim da leitura, causa sentimentos ambíguos, o narrador ora está colado ao protagonista Rael e as suas ações, ora se afasta um pouco, mas se mantém imbuído das suas verdades e ora, finalmente, se desvincula totalmente. O primeiro narrador do qual me ocuparei, em linhas gerais, está encarregado de observar Rael e os personagens mais próximos dele. Ele se refere ao segundo tipo descrito acima; desta forma, suas palavras estão carregadas de julgamentos, sentimentos e explicações. Este narrador se situa um pouco – bem – pouco longe da matéria narrada, com as histórias dos personagens não como um narrador observador clássico, mas como se fosse ele também um personagem. A impressão que temos é que este narrador se refere a uma matéria que é sua também. Como um pintor que pinta a si mesmo no quadro a cena por ele vista, este narrador dá seu contorno aos eventos narrados e se faz notar como um tipo de observador e participante, ou seja, ele narra ao mesmo tempo em que aprende os eventos. Assim, ele não está só próximo de Rael, mas colado a toda experiência que narra em todos os seus detalhes. (SANTOS, 2008, p. 22,23).

O narrador é um actante fictício, imaginado e criado pelo autor, mas linguisticamente real dentro do texto, incumbido da função de narrar. (*Oralidade na*

Escrita 2000, p.45). Esse narrador fictício é algo que não percebemos em *Capão Pecado*, pois o autor nos leva compreender e perceber o narrador como um ser real.

Por outro lado, na concepção de um narrador imaginado e criado pelo autor, este sim, está presente na obra. Podemos confirmar esta observação com o diálogo entre Rael e Seu Lucas, no momento em que os dois estão comentando sobre os programas da TV:

Tá certíssimo, Seu Lucas, esses malucos aí ganham dinheiro a nossas custas, é carro importado, chapéu de dois mil dólares e... Mas Rael não concluiu a frase, pois Cebola abriu a porta com tudo, assustando até seu pai, que perguntou por que aquele apavoramento todo; e ele disse meio ofegante que ouvira falar que seu Pedrinho lá da Sedinha estava avisando os moradores que a prefeitura estava pra tirar as famílias da favelinha. Seu Lucas permaneceu quieto e, quando Rael tentou pronunciar alguma coisa, foi impedido pelo gesto brusco de Seu Lucas que levantou rapidamente, pegou sua blusa e saiu correndo como um doido. (FERRÉZ, 2000, p. 33)

A questão do tempo em *Capão Pecado* é outro ponto que podemos destacar. A obra é narrada em primeira pessoa e em sua narrativa o autor apresenta uma linguagem atual do cotidiano dos moradores, o que nos leva a aceitar a opção de Ferréz pela escrita de gírias como: e aí mano, pode crê, cê tá ligado, pela ordi, tamo aí na quebrada e tantas outras. Como tentamos demonstrar, esses são pontos que o autor utiliza para contextualizar a obra, e assim de acordo com o tempo localizá-la no aspecto contemporâneo, como bem afirma o filósofo Giorgio Agamben em sua obra *O que é o contemporâneo? e outros Ensaios*.

Contemporâneo é aquele que mantém o fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2010, p.62,)

3.3.O espaço e os personagens em Capão Pecado

O cenário de *Capão Pecado* é típico da literatura contemporânea, localizada em um contexto urbano e cercado de complexas situações marcadas pela realidade da periferia de grandes centros. Nesse sentido o autor busca apresentar a realidade

marginalizada, excluída do processo de urbanização e de desenvolvimento de São Paulo; assim, fica claro que *Capão Pecado* retrata que esse espaço está fora do ideal e do sonho. É o espaço da dura e fria crueldade, da ânsia última do desespero e da ausência total de perspectiva de vida. Um espaço que por si só já marginaliza, já exclui, já ejeta fora dos padrões humanitários o desejo de vida e de dignidade. E, o pior é saber, que *Capão Pecado* é um espaço construído, gerado no ventre de uma sociedade excludente e discriminatória, que em seus objetivos particulares não coube uma sociedade pobre, uma legião de jovens sem cultura, sem condições de competitividade no mercado de trabalho, um grande número de favelados que não encontravam em seu próprio espaço de dor e morte, um reencontro com a vida digna, por isso acostuma-se a viver, amar, crescer, odiar, matar e morrer em um espaço que não preza a vida de qualquer pessoa.

Entrelaçado a esse cenário aparecem os personagens de *Capão Pecado*, que em suas particularidades e singularidades, que vão sendo desenhado no rosto de um povo que aprende a linguagem da morte, do desprezo, do amor conveniente ao mesmo tempo, mas que também são natos em sua essência. Não se pode dizer que os personagens de *Capão Pecado* são marginais, desprezíveis ou de pior espécie, esses títulos são heranças deixadas de uma burguesia que cheira o odor do preconceito, da discriminação e da intolerância em todas as instâncias da vida.

São personagens marginalizados, excluídos de um sistema que não lhes reconhece como indivíduos protagonistas, que não lhes dão garantia de dignidade e cidadania. E essa realidade é muito bem retratada na obra de Ferréz. Por isso é notável em *Capão Pecado* que os personagens muito difíceis se encontram, se relacionam, mas em sua maioria se “trampam”. E qualquer lugar, o bar, a viela, a rua, o mercadinho é um espaço de aglomeração de pessoas, onde vivenciam a experiência do tumulto e do empilhamento.

E nessa situação os personagens têm suas vidas tomadas, subtraídas, empilhadas, literalmente, umas sobre as outras. Eles vivem, em vez de uma racionalização, o sentimentalismo momentâneo, a exigência do agora, o medo, a insegurança e a insanidade da violência e da violação de seus direitos. Essa traumática realidade acontece em escalas verticais e horizontais, e, simultaneamente. É um absurdo sem fim, que vai desde o vocabulário, oscilante entre um português padrão e um português que seria uma variante, até a atitude dos personagens que se mesclam entre

sentimentos de compaixão e ódio, de esperança e de fálência de todos e qualquer valor e princípios éticos e morais.

É claramente percebido que os personagens do *Capão Pecado* não enfrentam apenas a violência física como já dissemos e como isso está muito evidente nas paginas da obra, muitos são levados a uma pressão ainda maior onde não suportam viver naquela situação, existe aí uma pressão ou uma violência psicológica, que talvez seja a primeira batalha a ser travada pelo individuo que em meio a esse ambiente que o cerca já não encontra uma saída para seus problemas, e nessa guerra psicológica são poucos os que conseguem suportar tamanha pressão, afinal as diferenças entre as classes são muito grandes e o sistema capitalista sucumbe às poucas forças dos moradores desse meio, não restando o que fazer, a maioria parte para o segundo tipo de violência à física.

Esse espaço abstrato marcado pela violência direta e indireta que se observa na Obra de Ferréz permite entender que *Capão Pecado* é uma perplexidade de realidades que se misturam e se diferenciam ao mesmo tempo. E nesse embaraço os personagens se destacam em ações e atitudes paralelas, comuns em síntese, da espécie humana, mas desequilibrada, desmedida, irracional, já que os acontecimentos de violência se justificam pelas razões mais banais.

De uma maneira geral, *Capão Pecado* nos remete a situações não muito diferentes de tantas que se encontram hoje, onde se tem espaço e personagens vivenciando experiências semelhantes à de Paula, Rael, Matcheros, entre outros que compõem a obra de Ferréz. Esse espaço e esses personagens podem ser contextualizados em tempos atuais, repetindo não a história em si, mas o sistema que insiste em fragmentar os espaços físicos e humanos, em uma separação ideológica e social, que se consolida em uma sociedade injusta, desigual e ceifadora de vidas, valores e princípios.

Em fim, *Capão Pecado* traça o perfil da sociedade brasileira e nos coloca frente a uma inquietante reflexão sociológica, mostrando que a periferia do país carece de cuidados em todas as dimensões.

4.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho esperamos ter contribuído ao discorrer sobre o que vem ser essa literatura brasileira contemporânea, pois neste trabalho propomos uma pequena discussão sobre esse tema, daquilo que venha ser o contemporâneo buscando uma definição para tal aspecto, mas como sempre sem o intuito de esgotar o assunto. Outro ponto que se propôs, foi com respeito ao surgimento da literatura marginal um movimento que vem crescendo ano após ano, com surgimento de novos escritores, que tem defendido essa nova modalidade literária e não tem aceitado serem chamados de escritores de meras reportagens, e por fim propomos uma análise da obra *Capão Pecado* de Ferréz, contextualizado ao trabalho, dando assim ênfase aos trechos onde a violência se evidencia.

Dessa forma espero que este trabalho tenha colaborado não somente no campo literário, como também no campo social e assim possa trazer para o campo das literaturas a descoberta dessa nova modalidade literária existente nas favelas, e que vem surgindo com grande força, dessa forma despertar o desejo nos futuros acadêmicos no desenvolvimento de novos trabalhos nessa mesma ótica, afinal essa vertente literária oferece um vasto campo de pesquisa, mas que ainda tem sido muito pouco explorada, o que podemos assegurar com toda convicção é que essa nova modalidade literária tem dado voz e vez a um povo que antes não se ouvia falar, mas que agora ganha seu espaço.

5.0. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2010.

ARENDDT, Hannah. **Da Violência**. S.n., 1969/1970. Disponível em: <www.sabotagem.revolt.org>. Acesso em: 01/03/2013.

CANDIDO, Antônio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 121p. 1968.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000

HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Maldito.com**. Atualizado em 11 de setembro de 2013. Disponível em: <www.heloisabuarquedehollanda.com.br>. Acesso em: 03/10/2013.

PALMA, Moacir Dalla. **A violência: Aspectos historiográficos e teóricos**. 2008. (Tese de Doutorado)- Programa de Pós-Graduação, em Letras Departamento de Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina - UEL. Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/02/um-pouco-da-historia-da-violencia.html>>. Acesso em: 28/02/2013.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 5.ed. São Paulo: ATICA, 1995.

SANTOS, Carolina Correia dos. **Capão Pecado e a construção do sujeito marginal**. 2008. 199 f. (Dissertação Mestrado) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Reginaldo Ferreira da. **Capão Pecado**. 2.ed. São Paulo: Editora Objetiva, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. **No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje**. Campinas. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2402.pdf>. Acesso em: 28/02/2013.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 280 p. 1994.